

A Juventude Operária Católica em Valença; uma utopia desconstruída

Raimundo César de Oliveira Mattos¹

Criação da JOC e sua instalação no Brasil

A Juventude Operária Católica foi um movimento que congregava jovens trabalhadores e que, no Brasil após o golpe militar de 1964, passou a ser vítima de uma perseguição sistemática pelo regime. Diversos núcleos foram duramente perseguidos sem terem um claro posicionamento político, mas muitos deles também, já antes e principalmente depois de 64, passaram a organizar uma certa resistência. O caso que aqui tratamos refere-se a uma exceção frente a este posicionamento político: o núcleo da JOC em Valença, interior do Rio de Janeiro. Nosso texto procurará apresentar um apanhado geral da dissertação de mestrado apresentada à Universidade Severino Sombra em 2003, a qual procurou entender as razões pelas quais a JOC em Valença não adotou uma postura crítica nem se posicionou politicamente em nenhum momento de sua existência, apesar de também ter representado, para vários de seus ex-membros entrevistados para a elaboração da dissertação, uma espécie de utopia. Foram utilizados, pela precariedade dos documentos escritos, depoimentos de ex-jocistas e pessoas que estiveram ligadas, direta ou indiretamente, ao movimento ou a outras que dele fizeram parte.

Valmir Francisco Muraro, em uma pequena obra sobre a JOC², trata do que ele classifica como “utopia jocista”. Não foi, ainda segundo o mesmo autor, apenas um sonho ou uma esperança abstrata, mas uma real possibilidade que se constituía nas fendas propostas pela transformação econômica brasileira.

¹Mestre em História pela Universidade Severino Sombra (2003). Atualmente é professor adjunto do Centro de Ensino Superior de Valença

² MURARO, Valmir Francisco. *Juventude Operária Católica*. São Paulo, Brasiliense, 1985.

Note-se que o autor utiliza o termo “utopia” não como uma imaginação, um projeto ou um “sonho irrealizável e narcotizante”, mas designando uma força capaz de provocar mudanças sociais profundas. Nesse sentido, estabelece-se uma ligação com o exposto em Karl Mannheim:

Utopias (...) são aquelas idéias, representações e teorias que aspiram uma outra realidade, uma realidade ainda inexistente. Têm, portanto, uma dimensão crítica ou de negação da ordem social existente e se orientam para sua ruptura. Deste modo, as utopias têm uma função subversiva, uma função crítica e, em alguns casos, uma função revolucionária³

Michael Löwy, por sua vez, procura outra terminologia para aplicar tanto às ideologias quanto às utopias: “visão social de mundo”. E afirma que as “visões sociais utópicas” são aquelas que possuem uma função crítica, negativa, subversiva, quando apontam para uma realidade ainda não existente. Ora, nesse sentido, a história da “utopia” jocista conheceu momentos bem diferentes em sua trajetória, passando do “sonho” da salvação evangélica para a idéia do “paraíso social e deste para a idéia de revolução social”.⁴

O movimento surgiu na Bélgica, criado pelo Padre Leon Joseph Cardijn, nascido na Cidade de Schaerbeek em 13 de dezembro de 1882, perto de Bruxelas. Pertencia a uma família de classe operária e, ainda adolescente, ingressou no seminário da Cidade de Malinas, tendo norteadado sua vida pela doutrina católica o quê, aliás, era comum às famílias pobres de sua época. Cresceu em uma Bélgica industrializada na expansão econômica de finais do século XIX. Nesse contexto, os trabalhadores tiveram que pagar um forte preço pela transição para uma sociedade industrial moderna: condições de trabalho perigosas, longas jornadas, baixos salários.

Durante o período de férias escolares, chamou-lhe a atenção um fato: a maioria de seus antigos colegas, ao trocarem o estudo pelo trabalho, acabavam se afastando da Igreja e das

³ Citado em LÖWY, Michael. *Ideologias e Ciência Social*. Elementos para uma análise marxista. São Paulo, Cortez, 2002, p. 13.

⁴ MURARO, Valmir Francisco. Op. cit., p. 13.

práticas religiosas. Muitos deles perdiam a fé e até tornavam-se adversários do catolicismo. Contando então quinze anos, Cardijn constatou que a Igreja tinha pouca ou mesmo nenhuma influência junto aos jovens operários que enxergavam o clero como “aliado das classes dominantes”. Foi talvez esta amarga experiência de rejeição da Igreja pelos operários que levou Cardijn a descobrir o mundo de sua vocação sacerdotal. A morte do pai por enfermidade profissional, por sua vez, levou Cardijn a prometer dedicar sua vida à causa da juventude trabalhadora.

O jovem seminarista tinha se alarmado com o fato de que o marxismo encontrava forte aceitação entre os operários de sua idade e passou a conceber a idéia de organizar um movimento de fundo cristão que fosse ao encontro desses jovens. Era o germe do movimento jocista que tomava forma em sua mente e que rapidamente se organizou. Por tais circunstâncias, compreende-se por que o movimento jocista, em boa parte de sua história, inclusive no Brasil, foi marcadamente anti-marxista. A realidade vivenciada pelo Padre Cardijn, o meio em que se desenvolveram as suas idéias para a criação da JOC acentuaram, de forma marcante, a tendência do movimento. No ambiente da fábrica, as idéias marxistas acabavam sendo mais atraentes que as pregações católicas, ainda mais se levarmos em conta o afastamento considerável entre a hierarquia eclesiástica e o operariado, o que tinha levado a constatações como a do Papa Pio XI:

O Papa Pio XI havia lamentado que o maior escândalo do século XIX tivesse sido o fato da Igreja ter perdido a classe operária, e Pio XI e Pio XII viam a reconquista dessa classe como um objetivo prioritário⁵

Nas fábricas, o apostolado católico estava mais voltado para as elites econômicas, o que levava os jovens a um desinteresse pela religião que não respondia às suas necessidades. Foi diante de tais fatos que o então seminarista e depois Padre Cardijn criou a idéia de organizar um movimento religioso que pudesse reconquistar os jovens trabalhadores para

⁵ MAINWARING, Scott. *Igreja Católica e Política no Brasil (1916/1985)*. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 141.

o catolicismo. No entanto, para o Padre Cardijn os jovens operários deveriam ser mais do que simples objetos de uma conscientização. Deviam, eles mesmos, ser os agentes desta conscientização, agentes na resolução de seus problemas, condenando toda forma de paternalismo e assistencialismo. A Igreja entraria apenas como um apoio organizativo, pois toda a ação deveria ser sugerida e realizada pelos trabalhadores. Uma vez constatados os problemas, era necessário analisá-los para poder agir com maior segurança.

No princípio, o novo movimento não foi bem visto por parte da hierarquia eclesiástica belga, que não aprovava um movimento autônomo, principalmente na medida em que este desaprovava a atuação do clero despreocupado com os problemas sociais. A questão suscitada entre os bispos era: seria o movimento jocista uma versão comunista da atividade cristã católica? Na verdade, o movimento jocista apresentou-se como uma opção para os operários frente ao marxismo. Seguiu retamente a Doutrina Social da Igreja expressa nas encíclicas papais. Mas era um movimento renovador e relativamente progressista diante da realidade religiosa em que se apresentou. No entanto, acabou por impor-se, uma vez que:

Do ponto de vista da Igreja institucional, a JOC era parte de um esforço amplo de realizar uma cautelosa modernização através do desenvolvimento de um trabalho pastoral mais eficaz entre a classe trabalhadora.⁶

As preocupações da Igreja com os problemas operários vinham desde 1891, ano em que foi editada a *Rerum Novarum* do Papa Leão XIII. Outros atos e pronunciamentos papais seguiram-se a esta encíclica, abordando os problemas da sociedade, mas o jocismo surgiu, na prática, como o movimento mais promissor, ainda mais levando-se em conta a questão aberta entre o clero e o laicato. Tal questão dizia respeito ao papel do laicato na Igreja, ou seja, qual seria a atribuição, quais seriam as funções dos leigos dentro da Igreja e fora dela. A JOC surgiu como um novo alimento para os trabalhadores que, na visão de seu criador e dos próprios jocistas, iriam refazer o mundo conjuntamente com a Igreja.

⁶ MAINWARING, Scott. Op. cit., p. 141.

Alguns anos foram necessários, no entanto, para a aprovação efetiva do movimento. As desconfianças do clero belga e do próprio nuncio apostólico, Cardeal Mercier, levaram Cardijn até o Papa Pio XI que interferiu pessoalmente para tornar viável a organização do movimento. Pio XI agradeceu a “sagrada ambição da JOC de organizar, não só uma elite, mas o conjunto da classe trabalhadora”. Isso ocorreu em 1925, quando o Vaticano reconheceu a JOC como um movimento oficial da Igreja e foi obtido o apoio do clero belga, agora apaziguado com a aprovação oficial. Ao mesmo tempo, foi permitido um espaço para a difusão do novo organismo.

A partir da década de 20 o jocismo organizou-se na Bélgica, alcançando grande sucesso, o que permitiu ao movimento, na década seguinte, deixar os limites de seu país de origem assumindo dimensões internacionais. O sucesso alcançado pelo movimento tanto na Europa quanto em outros continentes, conquistando jovens trabalhadores, acabou convencendo o Vaticano a apoiar a implantação do jocismo em países onde a industrialização se fazia presente.

Ao ser instalado no Brasil, o movimento jocista representava uma tentativa de união dos jovens operários em torno de uma luta de transformação da vida operária. Pretendia mostrar aos trabalhadores o “valor de ser filhos de Deus”. Os primeiros grupos no país foram criados na metade da década de 1930. Mas foi só em meados da década de 40, quando foi organizada a Ação Católica, que a JOC começaria a se tornar um movimento importante.⁷

Segundo Mainwaring, existiam no Brasil alguns problemas enfrentados pela Igreja, a saber: o processo de secularização, a erosão do monopólio religioso, o baixo comparecimento às cerimônias religiosas em áreas rurais. Tais problemas já haviam sido apontados por D. Sebastião Leme em sua carta pastoral de 1916, ano em que assumiu a Arquidiocese do Rio de Janeiro. Tudo isso trouxe a conscientização de uma necessidade de desenvolver práticas

⁷ É conveniente esclarecer que a JOC foi fundada como um movimento autônomo que nada tinha a ver com a Ação Católica. Com o tempo, no entanto, a JOC brasileira acabou tornando-se um dos ramos especializados da ACB, isto é, voltado para uma parcela específica da população.

pastorais mais eficazes, especialmente entre a classe operária urbana. Havia a crença, entre o clero, de que a classe trabalhadora era religiosamente ignorante e de que a Igreja precisava implantar uma fé mais atuante. Tal preocupação encontra-se expressa nos documentos da JOC do final da década de 50 e início da de 60.

O primeiro período da História da JOC no Brasil se caracterizou por vagos traços de reivindicações sociais. Seus objetivos eram mais espirituais que materiais. A idéia de revolução social não era, enfaticamente, colocada.

No segundo período, orientaram-se as atividades jocistas pela predominância de idéias liberais e humanitárias. Mas estava longe, ainda, de uma proposta reformista ou revolucionária. Reivindicava-se uma sociedade menos cruel e exploratória. Pretendia-se conseguir dos governantes a instalação de dispositivos reguladores das relações sócio-econômicas que pudessem minimizar os problemas materiais dos operários. Eram idéias transformistas, embora elementares. Seguiam paralelamente as próprias diretrizes do Estado Novo trabalhista, concessor de privilégios aos operários, embora com o preço de sua liberdade de ação. Estávamos em um período intermediário, entre o suicídio de Vargas e o golpe de 64, período esse que, segundo Marco Aurélio Nogueira:

(...) desde o final dos anos 50, o Brasil mergulhara num ciclo de profundas transformações estruturais, que alterava o perfil de sua economia, de sua sociedade e de sua cultura. Dentre outras coisas, convivia-se com um novo padrão de demanda societal por bens e serviços públicos, que passaria a desafiar cada vez mais o Estado.⁸

Nesse ponto da evolução jocista, pensava-se na fusão da “utopia” religiosa em um programa político que a levasse a efeito. O estabelecimento de uma nova vida, alcançada através da substituição total do regime sócio-econômico em vigor, seria a preocupação de uma reforma política. O jocismo brasileiro, após 64, aproximou-se nitidamente desse tipo de “utopia”, na medida em que seus militantes foram perseguidos e

⁸ NOGUEIRA, Marco Aurélio. *As possibilidades da política*. Idéias para a reforma democrática do Estado. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1998, p. 103.

encarcerados. Nesse terceiro momento, as mudanças propostas deveriam ser realizadas imediatamente, não em um futuro distante. A imaginação utópica passou a manifestar-se na forma de idéias revolucionárias, onde os trabalhadores organizados poderiam promover as mudanças sociais desejadas. A partir daí, a intolerância e a violência opressora se fizeram presentes. O regime instalado no Brasil com o golpe de 64 sentia-se ameaçado por qualquer forma de organização popular, ainda que apenas discordassem dos princípios impostos pelos novos governantes.

Valmir Muraro, neste ponto, afirma que “não é possível eliminar completamente a imaginação utópica” e que a “repressão movida pelo Estado e a indiferença do clero em relação à violência praticada contra os membros da JOC não conseguiram destruir a ‘utopia’ jocista”. A destruição do jocismo brasileiro, considerada por ele como aparente, não significou o fim da “utopia” operária brasileira, mas apenas a “superação de uma etapa. A pastoral popular desenvolvida atualmente pela Igreja no Brasil também foi um dos excedentes utópicos que foram além da morte formal do movimento jocista”.

A Juventude Operária Católica e sua ação em Valença – a desconstrução de uma utopia

Existem poucas e curtas notas a respeito da JOC valenciana nos Livros de Tombo de duas paróquias da cidade, mas suficientes para chegarmos a algumas conclusões. A Juventude Operária Católica foi fundada em Valença em 12 de junho de 1951, na Paróquia de Nossa Senhora da Glória, segundo consta no Livro de Tombo da mesma: “Foi fundada a Joc paroquial, tanto o setor masculina como feminino”⁹ Uma outra seção, menos numerosa, foi criada mais tarde, na então recém-criada Paróquia de São Sebastião do Monte D’Ouro, em 24 de janeiro de 1956, de acordo com o Livro de Tombo desta paróquia que, no entanto, faz referência a uma antiga célula do movimento fundada em 1954 na capela primitiva, anterior à oficialização da paróquia, ocorrida em 1955: “A Juventude

⁹ PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DA GLÓRIA. *Livro de Tombo*. Valença: 12/06/1951, p. 28.

Operária Católica (JOC) tinha uma célula antiga na Capela, hoje Matriz. Hoje realizamos a primeira reunião”.¹⁰

O núcleo mais ativo foi o da Paróquia de Nossa Senhora da Glória, cujo assistente eclesialístico foi o Monsenhor Nathanael de Veras Alcântara, o qual foi uma pessoa controvertida, de formação impecável nos moldes da Igreja pré-conciliar, tendo sido aluno, no seminário, de figuras eminentes do episcopado, como então Padre Antônio de Castro Mayer, depois bispo tradicionalista da Cidade de Campos dos Goytacazes. O Monsenhor Nathanael tinha boa penetração junto às elites da cidade, benfeitoras da Igreja em Valença, mas possuía dificuldades de relacionamento com o operariado e as classes baixas em geral, de acordo com o depoimento de um ex-jocista, apesar de sua preocupação com os pobres. Tal posicionamento passou por uma transformação radical, segundo relata um ex-jocista que prefere o anonimato, após o Concílio Vaticano II. Essa transformação, entretanto, operou-se muito tarde para a JOC em Valença, uma vez que ela já estava muito enfraquecida nos anos imediatamente posteriores ao Concílio. O depoimento do atual responsável pela Paróquia de Nossa Senhora da Glória revela outro ponto da mudança de atitudes do Monsenhor Nathanael:

Só se deu (a mudança de posicionamento) dele quando houve a morte, o assassinato do Padre Mornier, lá no Mato Grosso, que foi colega de turma dele, isso já no final da repressão militar. Ali ele descobre a teologia da libertação.¹¹

Já na Paróquia de São Sebastião do Monte D'Ouro pouca atuação teve a JOC, apesar da maior articulação do pároco, Padre José de Albuquerque, junto aos operários, inclusive porque, segundo relatos de ex-jocistas, o próprio Monsenhor Nathanael era contrário à formação de outros núcleos da JOC na cidade. Aqui começamos a compreender as razões do não comprometimento político do movimento, uma vez que o assistente eclesialístico manteve um posicionamento rígido à

¹⁰ PARÓQUIA DE SÃO SEBASTIÃO DO MONTE D'OURO. *Livro de Tombo*. Valença: 24/01/1956, sem numeração de páginas.

¹¹ Entrevista realizada com o Padre Medoro de Oliveira Sousa Neto, pároco da Catedral de Nossa Senhora da Glória, em 03/11/2003.

frente da JOC em Valença e, durante um bom tempo, não levantou críticas ao regime implantado no Brasil em 1964.

O movimento ainda não teve grande penetração junto aos operários, oriundos das fábricas de tecidos locais, sem conseguir grande número de participantes. Apesar de o movimento contar com uma variável quantitativa de 20 a 50 membros, eram poucos os trabalhadores de cada fábrica e mesmo de outras áreas profissionais a nela ingressar, o que ajudou a enfraquecer ainda mais sua atuação.

A JOC valenciana não teve uma vida muito longa. Durante a década de 60 até inícios dos anos 70, por falta de novas lideranças, pela direção extremamente pessoal do assistente eclesiástico e mesmo a sua falta de apoio, entrou em franca decadência e, consumado o golpe de 64, a partir da segunda metade desta década, começou a decair quase que espontaneamente, sendo que os seus documentos, símbolos e tudo o que pertencia ao movimento, quando do início das perseguições movidas pelos militares aos jocistas da vizinha Cidade de Volta Redonda, foram destruídos por temor à repressão. Essa destruição provocou uma frustração, uma decepção muito grande nos jocistas. “A queima dos arquivos foi uma decepção muito grande para nós”, relata uma delas.¹² Podemos dividir a história do movimento em Valença em três períodos, organizados a partir dos relatos colhidos de ex-militantes:

- entre 1951 e 1952 – período de instalação e organização do movimento na cidade;
- de 1953 a 1964 – período de desenvolvimento da JOC, quando o movimento alcança grande crescimento e ocorrem as principais realizações;
- de 1964 a princípios da década de 70 – período de enfraquecimento e fim do movimento, com a entrada de novos membros e saída de vários outros, o que gerou uma descontinuidade e falta de preparo nos novos.

Precisamos destacar que, pelo fato de serem os proprietários e dirigentes das fábricas instaladas na cidade

¹² Entrevista feita com a Sr^a Marilda Fernandes, ex-jocista, no dia 06/11/2003.

membros de irmandades religiosas, beneméritos da igreja em Valença, tornou-se praticamente impossível um comprometimento da JOC diante dos problemas sociais enfrentados pelos trabalhadores. Um dos ex-membros considera exatamente este o problema que acabou provocando a não evolução da JOC na cidade:

Acho que é porque os empresários eram benfeitores. A Igreja em Valença sempre teve uma aproximação com estes empresários pois dependia deles, uma ajuda... Acredito que esse era o principal motivo da falta de apoio... Não entendiam bem a função da JOC porque a JOC era um movimento, não era uma associação religiosa; parece que a Igreja não estava acostumada ainda com esse tipo de coisa. Usava a JOC mais como um braço de assistência.¹³

Após a crise gerada a partir dos finais do século XIX com a abolição, a decadência cafeeira e o fim de uma aristocracia rural, a entrada na cidade de novos elementos empreendedores e criadores de fábricas que geravam empregos foi saudada como a solução para a economia local. Os novos empreendedores se tornaram mais que bem vindos a esta realidade, passando a ser vistos como benfeitores. Nesta situação, em que pouco ou mesmo quase nada podia ser feito ou até pensado em relação a mudanças e melhorias na situação dos trabalhadores das fábricas locais, a preocupação social inexistia, como colocado, inclusive, por uma ex-jocista.¹⁴ Segundo palavras da mesma, o que se procurava era valorizar a pessoa do trabalhador e algumas poucas melhorias como aumento do horário das refeições. Em momento algum, porém, os proprietários das fábricas eram questionados ou vistos como exploradores. Ao contrário, eram admirados e respeitados.

Uma das entrevistadas salientou a questão do trabalho cristão dos membros da JOC nos locais de trabalho. Era necessário praticar o que se discutia nas reuniões onde os operários trabalhavam e em suas famílias. Mas tal prática não tinha um embasamento social, um comprometimento social

¹³ Entrevista feita com o Sr. João de Oliveira, ex-jocista, no dia 22/01/2003.

¹⁴ Entrevista feita com a Sr^a Isabel Medeiros, ex-jocista, no dia 27/07/2002.

dos jocistas. Buscavam praticar o Evangelho e a Doutrina Social da Igreja mas quase sem levar em conta as questões sociais. Outro entrevistado fala de uma grande frustração que entende não ser só sua, mas de vários jocistas:

A grande frustração nossa. A JOC, era levar Cristo não a todos os operários, mas a todos os segmentos onde o jovem estivesse. Pensávamos em agir em todos os lugares onde a gente pudesse estar, até mesmo nos cabarês, por que não? Não que a gente estivesse apoiando aquela situação, mas percebendo onde os jovens estavam. Porque a Igreja ainda era muito tradicionalista, não entendia essa situação. (...) Desestimulavam a presença em bares e no carnaval, realizando retiros. Era a hora que o jovem esclarecido deveria estar nestes lugares. Não se preocupava só com o ambiente de trabalho, mas com a vida do jovem em geral.¹⁵

Percebe-se por estas palavras que existiam alguns jocistas com uma razoável consciência do que deveriam fazer, ainda que tal comportamento fosse raro. A questão principal para uma certa alienação dos mesmos era o fato de que não tinham preparo algum para o discernimento social, para a compreensão plena de sua situação, marcadamente explorados pelos donos das fábricas que, no entanto, não eram considerados negativamente, além de um contexto sociológico incapaz de gerar atitudes críticas ou de questionamento.

Somando-se a essa falta de consciência política e social e ao controle rígido exercido pelo assistente eclesiástico da JOC vem ainda o fato de o mesmo ter sido uma espécie de combatente anticomunista. Chegou mesmo a receber um diploma do Comando Supremo das Organizações Anticomunistas em 3 de dezembro de 1964. Dele um ex-jocista ainda afirmou que:

O Monsenhor Nathanael tinha medo de comunista. Escrevia frases anticomunistas. (...) Nas reuniões ela orientava sobre os candidatos – se é comunista, maçom, contra a Igreja. Fazia palestras sobre como escolher o candidato.¹⁶

¹⁵ Entrevista feita com o Sr. João de Oliveira, ex-jocista, no dia 22/01/2003.

¹⁶ Entrevista com o Sr. Oswaldo Pereira, ex-jocista, feita no dia 22/07/2002.

Se os jocistas não tinham um posicionamento político, o seu assistente eclesiástico tinha, o que contribuiu ainda mais para a falta de comprometimento social do movimento. No entanto, mais tarde, apesar de já não ter valido de nada para a JOC, ele alterou a sua posição. Ele chegou a desenvolver até mesmo um certo temor de ficar desatualizado diante de uma Igreja que se modificava e que passava por rápidas transformações depois do Vaticano II.

Com o golpe militar, o início das perseguições aos núcleos jocistas tem início, mas não afetou de imediato o movimento em Valença, que continuou organizando os seus acampamentos típicos, as suas encenações teatrais e festas. Segundo alguns depoimento, houve uma pequena investigação organizada pelos militares a respeito da JOC valenciana mas, como receberam a notícia de que o movimento não tinha mais funcionamento, o quê não condizia com a realidade, e verificando que o núcleo local não apresentava nenhuma atividade considerada subversiva, nada foi feito, a não ser ameaças:

Não houve perseguições, só ameaças. Viviam dia e noite (os jocistas) nesta expectativa de prisões. Quando a JOC começou a dar os primeiros passos de evolução, veio o golpe.¹⁷

O medo instalado a partir de 64, a partir de notícias provenientes de Volta Redonda, com uma JOC mais atuante, serviu para abalar ainda mais um movimento sem grandes perspectivas, sem autonomia devido à atuação personalista de seus assistentes e voltado unicamente para a formação moral e espiritual de seus membros, muito ativa na realização de eventos sociais, recreativos e culturais, como apresentações teatrais, mas sem grande penetração junto à classe trabalhadora para organizá-la como tal.

O legado da JOC em Valença

Se a criação da JOC na Bélgica foi fruto da realidade sócio-econômica-religiosa em que viviam os operários daquele país, a caminhada da JOC no Brasil foi fruto da realidade

¹⁷ Entrevista com a Sr^a Marilda Fernandes, ex-jocista, feita no dia 06/11/2003.

religiosa e, depois, política e econômica brasileira. A atuação da JOC em Valença, por sua vez, foi fruto de toda uma situação em que vivia a cidade nas décadas de 50 e 60, chegando ao início dos anos 70 e refletindo-se até a atualidade.

O fim do movimento na cidade, a desconstrução de sua utopia, teve vários motivos:

1. o medo da repressão militar, que fragilizou ainda mais um movimento sem um embasamento teórico sólido;
2. a fraqueza do movimento que, se tinha unidade entre seus membros, não dispunha de um número suficiente para fazer frente aos problemas dos trabalhadores;
3. a falta de novas lideranças e de continuidade de trabalho daqueles que se afastavam para o casamento (fato este que obrigava ao afastamento do movimento jocista) ou por outros motivos, pois não havia em Valença a Liga Operária Católica, para operários adultos casados;
4. a ausência de preparo dos membros que tinham que buscar por si o conhecimento para levar o movimento avante;
5. a falta de apoio do assistente eclesiástico que, ao mesmo tempo, queria controlar o movimento sem conceder-lhe uma autonomia para funcionar como desejava o seu criador, Monsenhor Cardijn;
6. a desarticulação do movimento nacional, o que provocou o fim dos encontros regionais, que conseguiam ao menos ser uma referência na vida dos jocistas em Valença.

No entanto, pelos depoimento de ex-membros, podemos constatar que o movimento deixou a sua contribuição:

Hoje, as CEBs são como se fossem uma extensão do movimento jocista. Basicamente essa idéia de que é possível mudar, a partir do operário, da base. Vem ajudar nos movimentos populares.¹⁸

Há uma participação, sem dúvida, da JOC, na formação das CEBs. Em Valença, quem puxou inicialmente as CEBs foram o Padre Argemiro, que era da JAC, e a Marilda Fernandes, que era uma jocista, exatamente porque a JOC tinha essa sensibilidade para o social, para o político, que tem as CEBs.

¹⁸ Entrevista com o Sr. João de Oliveira, ex-jocista, feita no dia 22/01/2003.

As CEBs, neste sentido, são filhas da Ação Católica, enquanto leigos que foram da Ação Católica vieram engrossar essa sensibilidade, essa opção pelos pobres.¹⁹

Não podemos afirmar que as CEBs nasceram da JOC. Elas apenas tiveram sua origem a partir de uma experiência com as massas que a JOC pretendeu fazer. Mas são dois movimentos distintos, tanto na organização quanto na ação.

O movimento, ainda que feito e voltado para o jovem operário, no caso de Valença não surgiu do operariado. A JOC foi criada na Bélgica para levar a Igreja até o ambiente de trabalho. Em Valença ocorreu o oposto: o operário foi levado para o ambiente da Igreja. E, ainda por cima, não contribuiu para a formação de uma consciência de classe, apesar de ter contribuído para a estruturação de movimentos mais engajados. Não se criou, entretanto, uma liderança no próprio meio operário. O assistente eclesialístico era quem convidava os operários para participarem do movimento. Não era uma participação despertada no meio operário, mas praticamente uma convocação. Não tinha como evoluir em direção a uma tomada de consciência.

No país, a JOC tentou alcançar a sua autonomia. Acabou conseguindo, de certa forma, pois chegou a ser abandonada pela hierarquia eclesialística no seu momento mais dramático durante a repressão. Quando esta mesma hierarquia despertou para o problema, o movimento já estava enfraquecido. Mas sobreviveu até os dias atuais, ainda que menos atuante no Brasil, permanecendo ativo na Europa e mesmo em alguns países da América Latina. Em Valença, ficou na memória dos ex-jocistas, na atuação comprometida de alguns, nas obras materiais deixadas por seu assistente eclesialístico²⁰, ainda hoje aclamado como um dos benfeitores da cidade, mesmo que parcialmente esquecido após a sua morte. Falta, ainda, reconquistar a legitimidade de que gozou um dia.

¹⁹ Entrevista feita com o Pe Medoro de Oliveira Sousa Neto, realizada no dia 03/11/2003.

²⁰ O mesmo foi responsável por um grande número de obras na cidade, como, p. ex., casas populares, reformas e construção de igrejas e outros.

A Juventude Operária Católica em Valença; uma utopia desconstruída

Raimundo César de Oliveira Mattos

Resumo: A JOC – Juventude Operária Católica – desempenhou um papel importante no cenário nacional na construção de uma nova utopia, principalmente a partir do golpe de 64 que procurou amordaçar as poucas vozes que se levantaram para defender os direitos dos trabalhadores. Representativa, ainda, de uma nova maneira de organização do laicato na Igreja Católica, não encontrou, por parte da hierarquia eclesiástica, o apoio suficiente para sobreviver e, mesmo não extinta oficialmente como foi a Juventude Universitária Católica, acabou desaparecendo devido à perseguição militar e ao descaso de muitos bispos que não compreenderam a sua importância. Destacamos, em nossa dissertação de mestrado, esta importância que rendeu os frutos de novos movimentos sociais dentro da Igreja que, agredida em sua hierarquia, acabou por voltar-se contra um regime que muitos eclesiásticos chegaram a aplaudir.

Palavras Chave: Utopia; juventude operária; laicato.

Abstract: JOC – Catholic Workers Youth – has played an important role in the national scenery in building a new utopy, mainly since the 1964 political coup which tried to silence the few voices that arose to defend the rights of the workers. Representative still of a new way of organizing the laycity of the Catholic Church, it couldn't get enough support to survive from the ecclesiastic hierarchy. Even not officially extinct as the Catholic University Youth, disappearing and the indifference of many bishops that couldn't understand its importance. We highlight this importance which bore fruits to new social actions inside the church, which hit its hierarchy and came to oppose the regime that many priests may have even cheered.

Key Words: Utopy; workers youth; laycity.

Raimundo César de Oliveira Mattos

Artigo recebido para publicação em 30/08/2008

Artigo aprovado para publicação em 26/01/2009